

NEOFASCISMO, VIOLÊNCIA E COERÇÃO a outra face da democracia e da sociedade civil

Tatiana Poggi*

De modo crítico e irreverente, Chambers e Kopstein procuram resgatar o debate sobre a sociedade civil, defendendo que esta esfera não consiste simplesmente num mundo onde impera o consenso, isento de coerção ou violência.

No artigo intitulado “Bad civil society”¹, os autores recuperam perspectivas liberais tradicionais sobre sociedade civil, as quais afirmam, ainda que por caminhos diferentes, que uma sociedade civil robusta e vibrante fortalece e enriquece a democracia. Remontando à visão toquevilliana de que as virtudes e viabilidades da democracia dependem da robustez da vida associativa², Chambers e Kopstein investigam o sentido de democracia para o pensamento liberal, suas contribuições e limitações, e como foi se tornando consenso, influenciando fortemente o debate sobre sociedade civil. A questão da democracia é colocada, assim, em termos de possibilidade de livre participação e construção de sujeitos coletivos mobilizados em torno de uma causa ou projeto de sociedade. Uma sociedade civil robusta e desenvolvida oferece mais possibilidades para tal, e isso é entendido como ambiente plenamente democrático.³

Mas que dizer de uma sociedade civil repleta de organizações autoritárias, intolerantes e antidemocráticas? Até que ponto organizações desse tipo contribuem para o fortalecimento da democracia? O artigo de Chambers e Kopstein faz com que nos defrontemos com essas questões e pensemos se apenas a existência de uma multiplicidade de formas associativas garante, por si só, mais democracia. “A questão mais importante com que nos deparamos é que tipo de sociedade civil promove democracia. Em outras palavras, a escolha não é realmente entre isolamento e participação, mas entre diferentes tipos de participação.”⁴

Isso porque, segundo os autores, além das qualidades positivas associadas à sociedade civil como possibilidade de participação direta, liberdade de associação e construção de sentidos de coletividade, pertencimento e confiança, esta comportaria também um lado menos harmonioso, menos virtuoso, um lado “bad”. Partindo do caso de Benjamim Smith, membro da World Church of the Creator (futuro Creativity Movement), que em julho de 1999 perseguiu a tiros judeus, negros e asiáticos, Chambers e Kopstein entendem que sociedade civil pode também ser palco de manifestações de violência e coerção e que o aumento da participação em organizações com tal caráter não fortalecem, ao contrário, enfraquecem a democracia, mesmo aquela pensada nos moldes do liberalismo. O artigo revela ainda que o debate acadêmico não tem dado conta das implicações teóricas e empíricas colocadas por essas expressões de violência organizada na sociedade civil, sendo frequentemente explicadas como inadequações, desvios à norma social.

O debate sobre o papel das expressões de violência na sociedade civil é também uma querela no campo do marxismo, em especial entre os interpretes de Antonio Gramsci. A discussão é deflagrada a partir das análises de Norberto Bobbio acerca das diferenças entre o pensamento de Marx e Gramsci. Bobbio pontua que a sociedade civil em Marx integra o momento estrutural, das

* Professora Substituta em História da América da UERJ-FFP. Doutora em História Social pela UFF. Endereço eletrônico: tatiana.poggi@gmail.com

¹ CHAMBERS, Simone; KOPSTEIN, Jeffrey. Bad civil society. *Political Theory*. vol.29.N.6. December, 2001.

² TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy and the terrain of association*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 2000. Sobre esse debate os autores se referem aos trabalhos de: WALTZER, Michael. *The civil society argument*. In: MOUFFE, Chantal. *Dimensions of radical democracy*. London: Verso, 1992. COHEN, Joshua; ROGERS, Joel. *Associations and democracy*. New York: Verso, 1995. COHEN, Jean; ARATO, Andrew. *Civil society and political theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

³ Para esta vertente, a democracia restringe-se à quantidade e variedade de formas associativas. Deixa de lado o fato de que, em uma sociedade desigual, as oportunidades de participação política, realização profissional, ganhos materiais, acesso à cultura, etc. não são democraticamente distribuídas sendo, portanto, uma democracia imperfeita.

⁴ CHAMBERS, S; KOPSTEIN, J. op.cit.p.838. “The more important question facing us is what type of civil society promotes democracy. In other words, the choice is not really between isolation or participation but rather between different types of participation.”

relações materiais, condicionando e regulando o Estado. A sociedade civil é, desse modo, entendida como positiva, momento ativo, lócus da mudança e do desenvolvimento histórico. O Estado seria marcado por seu caráter coercitivo, entendido como um instrumento da dominação de classe, subordinado à sociedade civil. Diante disso, Bobbio conclui que a concepção marxiana de Estado seria respectivamente instrumentalizante, particularista e negativa.

O diferencial trazido por Gramsci, segundo Bobbio, seria principalmente o lugar distinto ocupado pela sociedade civil, não integrando mais o momento estrutural, mas o superestrutural, relativo às relações ideológico-culturais. “Bobbio parece supor que a alteração efetuada por Gramsci o leva a retirar da infra-estrutura essa centralidade ontológico-genética [explicação da história], explicativa para atribuí-la a um elemento da superestrutura, precisamente à sociedade civil.”⁵ Ao identificar na sociedade civil gramsciana o “novo motor da história”, base para toda e qualquer mudança social, Bobbio inverte a relação marxiana básica estrutura-superestrutura além de identificar à sociedade civil como o momento ideológico da superestrutura, estando, portanto, ausente a coerção, o controle e a violência.⁶

Entendemos que os conceitos gramscianos são mais bem entendidos quando tratados de modo combinado. Os pares conceituais do filósofo sardo se relacionam de forma dialética e, por essa razão, uma separação entre coerção e consenso, força e persuasão, dominação e hegemonia, sociedade civil e sociedade política, Estado ampliado e estrutura social só deve ser feita, quando muito, para fins didáticos.

Bobbio parece não dar maior importância a esse movimento imprescindível que é a dialética, talvez a maior herança de Marx em Gramsci. Ele interpreta os conceitos de forma demasiadamente separada, como se a sociedade civil fosse a esfera reservada à hegemonia e esta, por sua vez, fosse composta unicamente por relações de consenso e persuasão. Coerção, dominação e força; por outro lado, seriam exercidas na sociedade política, o que ele qualifica como componente negativa do Estado ampliado.

Visto desse prisma, contudo, como entender as expressões de violência e intimidação presentes na sociedade civil? Esta pesquisa vem demonstrar que a sociedade civil está longe de ser um terreno restrito às relações pacíficas, pautadas no consenso. Organizações fascistas e outras correntes políticas violentas e autoritárias se desenvolvem no seio, e não à margem, da sociedade civil. Revela ainda que alternativas sociais com esse caráter se popularizam e ganham mais espaço justamente no momento em que se alardeia aos sete ventos a vitória da liberdade e da democracia no mundo. Se o neoliberalismo e a democracia liberal são o caminho para a prosperidade e não existe outra alternativa, há algo no mínimo estranho com esse ideal que nos aprisiona em um mundo cada vez mais empobrecido e cheio de ódio.

Assim é possível entender como a batalha do capital contra os direitos sociais e as políticas distributivas, típicos do reformismo, vai abrandando conforme a construção de consenso em torno da agenda neoliberal, embora não cesse a batalha em nome da democracia e da tolerância. É justamente nos anos 1990 e 2000 que surgem os mais incisivos programas privados voltados para a denúncia e auxílio a vítimas do ódio e da intolerância. É também durante a década de 1990 que é aprovada a emenda de agravante de crime quando motivado por ódio.

Em nome da democracia capitalista, dessa particular faceta da organização do capital é que são defendidos muitos programas privados e políticas públicas desde meados dos anos 1980. Uma luta longa e árdua e que tende a se acirrar justamente quando, da crise social oriunda da mudança do padrão de dominação, surgem centenas organizações antidemocráticas e antiliberais; organizações que defendem uma outra faceta do capital, trazendo uma proposta autoritária, antiliberal,

⁵ COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre: L&PM, 1981. p.88.

⁶ A interpretação de Bobbio influenciou de formas diferentes muitos outros autores como Hugues Portelli, Giovanni Semeraro, Carlos Nelson Coutinho, etc. Foi também fortemente criticada no que diz respeito à inversão entre estrutura e superestrutura e à forma esquemática como aborda os conceitos gramscianos. Dentre os críticos destaque: ANDERSON, P. Afinidades Seletivas. São Paulo: Boitempo, 2002. VIANNA, Luiz Werneck. Fábrica e sistema político: anotações teóricas para uma investigação empírica. DADOS. Vol.24. N.2, 1981. DIAS, Edmundo Fernandes et alli. O Outro Gramsci. São Paulo: Xamã, 1996. BIANCHI, Alvaro. O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.

excludente, intolerante e não raro racista de sociedade. Uma outra faceta, mas ainda capitalista e não menos burguesa.

A história do fascismo nos EUA não é um fenômeno recente, fruto da crise do modelo de dominação pautado no reformismo de base fordista-keynesiana⁷, mas assim como na Europa, remonta ao entreguerras. Durante esse período, o fascismo também floresceu do outro lado do Atlântico. Existiam nos EUA organizações fascistas articuladas a nível nacional e internacional, promovendo reuniões, passeatas e comícios; produzindo material de propaganda política; distribuindo materiais produzidos na Alemanha nazista, etc. Assim como na Alemanha e na Itália, os grupos norte-americanos integravam o cenário político, defendendo uma visão de mundo, angariando adeptos e trabalhando em prol de um projeto de sociedade bastante distinto do liberalismo ou do mero segregacionismo. O desfecho das lutas, contudo, foi diverso do ocorrido na Europa, vencendo o reformismo encabeçado pelo Partido Democrata.

Ainda assim, expressões sociais e ideológicas de fascismo persistiram ao longo das décadas, chegando aos nossos dias, explorando antigas e novas formas de construir uma sociedade autoritária, intolerante e excludente dentro dos marcos do capitalismo.

Como explicar, então, o recente crescimento e profusão do fascismo em países centrais e particularmente nos EUA, mesmo após processos socialmente traumáticos como o Holocausto? Por que, apesar do fim do conflito mundial, o fascismo persiste como ideologia e alternativa política, um passado que insiste não passar? A pesquisa nos revelou que o processo de precarização da qualidade de vida, observado com o avanço do neoliberalismo e as conquistas relativas uma sociedade multicultural acabaram levando partes da classe trabalhadora e da pequena burguesia, atraídos por alternativas políticas autoritárias, profundamente antidemocráticas e abertamente racistas, a se engajarem em organizações neofascistas. O neofascismo é um fenômeno social complexo e perigoso, porque expressa descontentamentos legítimos acerca da queda de qualidade de vida nos EUA, canalizando os medos e as esperanças de setores sociais variados para uma alternativa política ainda mais discriminatória, desigual, opressora e violenta que a democracia liberal.

Apostando em estratégias variadas e sofisticadas de construção da cultura, as organizações atuais vão mobilizando um contingente crescente, se alimentando das mazelas estruturais do próprio sistema e da complacência gerada pelo preconceito, pela xenofobia e pelo furor contrarrevolucionário impressos na democracia liberal. Através da produção de materiais de mídia, cultos religiosos, comícios, eventos culturais ou atentados terroristas, organizações neofascistas promovem e incentivam a violência e a eliminação daqueles que não se encaixam no padrão humano e político envisionedo.

As atividades de militância tornaram-se mais complexas, principalmente após a popularização da internet. Muitos grupos neofascistas procuram externalizar suas críticas, ressentimentos e reivindicações apostando em formas menos tradicionais de fazer política, investindo em cultura e em educação. Estratégias de luta tradicionais, como a disputa político partidária, foram gradativamente abandonadas ou reconfiguradas, no caso das grandes manifestações públicas, como passeatas e comícios.

A National Alliance foi pioneira na defesa de uma proposta educativa, apostando na não violência física e na construção de consciência, aliando o tradicional trabalho de base à produção de variados materiais de mídia. Essa nova proposta de organização e atuação na sociedade liderada por William Pierce passou a investir fortemente na criação e distribuição em larga escala desses materiais, visando ganhar os corações e as almas dos ditos arianos nos EUA. A National Alliance é até hoje a organização que mais produziu materiais de divulgação; edita o tabloide Attack! e a

⁷ A crise do padrão de dominação fordista-keynesiano, observada a partir de 1970, envolveu mudanças no mercado de trabalho, trazidas pela reestruturação produtiva toyotista e pela implementação de políticas neoliberais. O decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados aliado à forte reação às políticas inclusivas, frutos dos movimentos de ampliação dos direitos civis e sociais, são de suma relevância para o entendimento tanto do desenvolvimento da Nova Direita norte-americana quanto do aumento extraordinário de aparelhos neofascistas em fins da década de 1970.

revista *National Vanguard*, publica livros como *The Turner Diaries* e *Hunter*; produz longas e curtas metragens; transmite semanalmente o programa de rádio *American Dissident Voices*; desenvolve jogos eletrônicos; adentrou o mercado fonográfico.

O trabalho de base foi redirecionado das clássicas passeatas e comícios para a promoção de festivais variados e atividades em escolas e universidades, as quais iam desde a panfletagem e distribuição de material propagandístico a reuniões com estudantes para a apresentação das propostas da organização. Esses canais de atuação tornaram-se muito mais eficazes e atraentes com o desenvolvimento dos materiais de mídia. Os romances, quadrinhos e de jogos eletrônicos potencializaram o alcance e a capacidade de mobilização do trabalho de base feito nas escolas.

Mais do que novos membros, a *National Alliance* procura conseguir novos aliados, novos adeptos de projeto de sociedade neofascista. A estratégia de conjugar trabalho de base com produção variada de mídia rendeu frutos, sendo a organização neofascista mais rastreada por entidades governamentais e privadas. Isso vem mostrar que, mesmo não defendendo o exercício da violência física direta ou outras ações ilegais, como roubos e falsificações, seu potencial gerador de violência e perigo social é grande.

Organizações como a *National Alliance* ou a *Aryan Nations*, que oficialmente condenam práticas de violência física, enaltecem publicamente aqueles o fazem e por vezes se beneficiam financeiramente desses atos. Pierce chegou enfatizar publicamente a importância simbólica dos feitos de Robert Matthews, integrante da *The Order* morto em operação da SWAT.⁸ Em nome da “causa ariana” e da construção do lar ariano no noroeste do EUA, esta organização se envolveu nos anos 1980 em uma série atos criminosos: falsificação, assalto a bancos (Seattle U\$25.000 e Spokane U\$3.600), shopping centres (Seattle’s Northgate shopping mall U\$500.000), carros-fortes (Continental Armored Transport Company U\$40.000 e Brinks U\$3.600.000), o bombardeio da maior sinagoga de Idaho e o assassinato do radialista Alan Berg. O montante do dinheiro roubado foi distribuído entre líderes de importantes organizações fascistas, dentre os quais Richard Butler da *Aryan Nations*, William Pierce da *National Alliance*, Tom Metzger da *WAR*, Louis Beam, Frazier Miller da *North Carolina Knights of the Ku Klux Klan* e Bob Miles de *Mountain Church*.⁹

Em outra ocasião, o mesmo Pierce comprou uma propriedade da *Church of the Creator*, para livrá-la de ser arrestada pela justiça em um processo no qual essa organização era acusada pelo assassinato do marinheiro afro-americano Harold Mainsfield. A *National Alliance* havia comprado a propriedade visando resguardar as posses da *Church of the Creator*, no caso de perda da causa e possível sanção sob a forma de indenização.

A *White Aryan Resistance* apresenta-se no cenário político norte-americano como uma rede de indivíduos e informações, atraindo muitos skinheads racistas. Criada por Tom Metzger, em 1983, esse aparelho ligado ao universo underground procura promover uma estratégia de luta conhecida como resistência sem líder [leaderless resistance] ou do lobo solitário [lone wolf], além de difundir largamente materiais produzidos por organizações neofascistas formalmente estruturadas. A rede formada pela *White Aryan Resistance* conecta indivíduos de forma não hierarquizada e sem que se tornem formalmente membros. Atuam a partir de células restritas ou solitariamente, permanecendo a maior parte na clandestinidade, poucos se expondo como Metzger. Assim, não existem reuniões da *WAR*, não existe um líder, nem tampouco uma propriedade sede [counpound], nem atividades coletivas públicas ou privadas.

A abordagem rebelde e não hierárquica, a linguagem escrachada e o corte classista da *WAR* cativavam skins racistas em particular. Poucas organizações incentivam o recrutamento de naziskins, algumas acabam usando-os como barreira de proteção em manifestações públicas, mas privadamente negam qualquer associação, impedindo-os de participar de reuniões organizativas e festividades. O movimento da *WAR* em tê-los assumidamente como público alvo, fez com que se sentissem acolhidos e propiciou a construção de importantes alianças.

⁸ PIERCE, William. Introduction and Afterward to “A call to arms” speech by Robert Matthews. Tape recording y *National Vanguard Books*. Hilsboro, WV, 1991. apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.195.

⁹ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p .192-193.

Organizar naziskins, contudo, apresentava uma série de dificuldades, dentre elas, a falta de disciplina, a ansiedade e a raiva mal canalizada de uma juventude descontente e sem perspectiva. Além disso, a vontade de chocar, ameaçar e afrontar o inimigo diretamente, seja carregando insígnias nazistas pelo corpo, seja incitando brigas aleatórias, acabam expondo e mesmo tirando de circulação diversos militantes. Todos esses problemas levaram ao rompimento oficial da WAR com o projeto de organizar grupos de naziskins, optando pela estratégia da resistência sem líder.

O argumento em torno da ideia da resistência sem líder mistura elementos simultaneamente conspiratórios e de autopreservação contra um governo federal entendido como tirano, centralizador e autoritário, tolhendo a liberdade dos indivíduos de exercer escolhas e conduzir suas vidas ao modo que melhor lhes pareça. O indivíduo agindo solitariamente ou as células-fantasma, agremiação secreta composta por um número limitado de lobos solitários expressam uma visão de mundo paranoica e conspiratória.

A White Aryan Resistance valoriza mais a dimensão ativa dos lobos solitários, sua capacidade de agir no mundo, de provocar constantes alterações, ainda que microscópicas. Em contraste, na análise da National Alliance, pudemos observar como seus integrantes se preocupam-se em se preservar, expondo suas ideias mais que do suas pessoas. O exercício da persuasão constante via produção de materiais de mídia é considerado mais seguro do que formas de militância direta, em vista do conteúdo provocativo e violento da mensagem. A demasiada exposição e o comportamento muitas vezes agressivo e mordaz de muitos lobos solitários leva-os à perda de posições importantes no trabalho, à perda de poder econômico por indenizações e inclusive à prisão. A resistência sem líder tem sido criticada tanto por sua forma individualizada de organização política como pelo “desperdício do militante”.

A Aryan Nations é uma organização político-religiosa, ligada à Church of Jesus Christ Christian, igreja promotora de uma vertente particular do cristianismo, conhecida como Christian Identity. Ele tem sua origem no israelismo britânico de fins do século XIX, o qual pregava que as 10 tribos perdidas de Israel acabaram migrando, atravessando o Cáucaso e dando origem aos variados povos nórdicos e anglo-saxônicos. O israelismo britânico sustenta que os povos de origem celta e anglo-saxã seriam o povo escolhido de Deus, e não os judeus. Partindo dessa premissa, a Christian Identity afirma que os europeus brancos descendem do povo israelita mencionado na Bíblia; que Adão e Eva foram os primeiros brancos; que os Judeus são descendentes do demônio, fruto da relação entre Eva e Satã; já os demais não brancos, usualmente identificados como mud-people, pertencem a raças pré-adâmicas, falhas de Deus antes de conceber Adão em sua perfeição, portanto, subumanos.¹⁰

A popularização desse credo a partir dos anos 1970 muito se deve ao uso inteligente da religião como veículo político de convencimento, mobilização social e resistência. Explorando angústias sociais reais, derivadas de uma profunda crise agrária que assolou o meio-oeste entre os anos 70 e 85, a Christian Identity oferecia uma esperança de salvação. Porém, uma salvação que não se restringe ao sobrenatural, mas que começa na terra, por meio da militância política, da construção da cultura e articulação de um projeto de sociedade. Os sermões semanais, as atividades organizativas e os eventos recreativos são os canais para tal. Apesar da existência de outras organizações-congregações, a Aryan Nations é o mais importante veículo político de disseminação da Christian Identity, além de ser a principal referência dentre as organizações neofascistas promotoras de um projeto político teológico, superando em capacidade organizativa e mobilizadora outras religiosidades fascistas como o Creativity e os cultos neopaganistas nórdicos (Odinismo e Asatrú).

Os sermões, longe de seguirem uma linha carismática, são eventos sóbrios e sérios, momentos de reflexão conjunta do pastor e seu rabanho. Tal característica pode ser notada igualmente em outras aparições públicas dos pastores da Aryan Nations. As passeatas seguem um modelo bastante tradicional. O pastor vem em um carro adornado com bandeiras, seguido dos

¹⁰ BERLET, C; LYONS, M. op.cit.p.270.

demais integrantes e simpatizantes carregando bandeiras, faixas ou placas. Nesse sentido, são eventos menos chamativos que os comícios do American Nazi Party.

Além de difundir a Christian Identity, a maior contribuição política da Aryan Nations para a resistência neofascista ou, em suas palavras, para a causa ariana foi a promoção de passeatas públicas e grandes eventos como Aryan Nations World Congress, o Aryan Fest e o Aryan Youth Festival.

Durante o Aryan Nations World Congress e o Aryan Fest, são promovidas grandes discussões políticas, expostas propostas de atividades, existindo ainda espaço para apresentações culturais diversas. Tais encontros, ocorridos anualmente na propriedade de Hayden Lake, foram cruciais para articulação de grupos extremistas variados, dentre os quais: todo o tipo de neofascistas; segregacionistas, a exemplo dos neoconfederados e da Ku Klux Klan; de fervorosos anticomunistas e de grupos contrários ao pagamento de impostos. Surgiram também novos grupos, como The Order, Aryan Republican Army e New Order. Os eventos proporcionaram ainda o surgimento e o fortalecimento de alguns dos projetos mais ousados no universo neofascista, a construção do lar ariano no noroeste dos EUA¹¹ e a mobilização de jovens através dos concertos de música white power.

Se a aposta na militância direta por meio de congressos, comícios e festivais culturais foi o maior legado da Aryan Nations, ironicamente foi também sua perdição. Os eventos atraíam fervorosos adeptos, simpatizantes e curiosos, mas também elementos da oposição como jornalistas, acadêmicos e agentes das instâncias da lei e manutenção da ordem. Esses encontros se tornaram portas de entrada para elementos infiltrados, que obtinham informações sobre as atividades da Aryan Nations e de outras organizações ou indivíduos, transmitindo-as para os escritórios da polícia e da promotoria. Assim, se por um lado os eventos traziam visibilidade, possibilitavam interação social, organização e mobilização política, por outro, expunham os participantes, deixando-os vulneráveis às ações repressoras do poder público e de organizações civis privadas.

Como podemos perceber, os fascistas contemporâneos procuram trazer a política para o cotidiano. Daí o investimento em canais populares de difusão da informação e entretenimento. A mídia atrai por ser moderna, de fácil acesso, pelo custo relativamente baixo de produção e pelo imensurável poder de difusão. A religião torna-se instrumento refinado de luta, integrando a política ao cotidiano da vida familiar. Nos cultos é construída uma cultura particular, incultando em homens, mulheres e crianças uma dada mensagem e proposta de vida. O universo infanto-juvenil é, também, integrado ao projeto político pela produção de jogos, músicas e brincadeiras. Temos aqui então um conjunto de estratégias pouco ortodoxas de persuasão e construção de consenso em torno de um dado projeto de sociedade e formas distintas de sociabilidade que fortalecem o fazer político em uma dimensão inteiramente nova.

A análise das organizações enfocadas nessa pesquisa, a National Alliance, a White Aryan Resistance e a Aryan Nations, fundadas entre as décadas de 1970 e 1980, revelou que essas organizações não são um fenômeno sulista, nem pregam a volta a um passado segregacionista. Elas representam espaços significativos de construção de consenso em torno do ideal neofascista de sociedade no cenário político norte-americano de fins do século XX. Nelas, cultura, educação, alta tecnologia e fé encontram-se encorajadas de violência, discriminação, exclusão e autoritarismo. São também exemplos de estratégias de luta, público alvo e linguagens bem distintas.

Um traço marcante do fascismo contemporâneo é justamente o forte investimento na produção de material de mídia variado. A aposta em editoras, gravadoras (Resistance Records), promoção de bandas e eventos de hate rock, programas de rádio e de televisão em canais privados e o desenvolvimento de jogos infanto-juvenis reconfiguraram o modo de fazer política. As páginas eletrônicas das organizações contêm um volume extraordinário de material político-ideológico gratuito, e as assinaturas, quando exigidas, saem por preços acessíveis. É comum ainda a

¹¹ Durante o Congresso da Aryan Nations em 1986, Miles defendeu publicamente sua proposta, afirmando que um dos meios para se alcançar o objetivo do lar ariano seria pela mudança e compra gradativa de terrenos adjacentes na região do noroeste dos EUA por famílias brancas. Lá criariam suas famílias e educariam seus filhos, incentivando taxas de natalidade elevadas.

disponibilização de livros e documentos do terceiro Reich. Muitos sites funcionam como veículos de arrecadação de fundos (venda de camisetas, acessórios, CDs, livros, adesivos, posters, etc.) e interlocução entre os grupos, disponibilizando fotos dos eventos e manifestações, links de outras organizações, espaços virtuais privados para troca de ideias.

Nos anos 1990, surgiram as produções de materiais de áudio e audiovisual. Nesse departamento, destacamos o pioneirismo da WAR, e os esforços da National Alliance, na produção de filmes, programas de rádio e jogos eletrônicos. A National Alliance produziu filmes de longa e curta metragens, dentre os quais destaco *America is a changing country* e *A White World*. Apesar de pouco sofisticados, os filmes da National Alliance são bem ilustrativos do programa da organização, suas críticas e propostas. Em termos estéticos, os vídeos são sempre pouco ousados, tradicionalistas, com enquadramentos centralizados, vestuário e linguagem formais, além de carregados de um tom sério, intelectual, pseudo-cientificista, característicos dessa organização.

A WAR despontou no cenário político como um dos primeiros aparelhos a apostar nas novas tecnologias para conectar pessoas e disseminar ideologias e um projeto político-social. Antes mesmo das investidas da National Alliance no ramo multimídia, Metzger e seu filho John criaram em 1981 um boletim eletrônico, articulando ativistas em todos os EUA. Com a fundação da WAR vieram: o site; as vendas on-line; uma linha de telefone com mensagens programadas [hotline]; o programa de televisão *Race and Reason*; diversas aparições em programas de auditório famosos como *Geraldo*, *Oprah*, *The Whoopie Goldberg Show* e *Morton Downey Show*; e recentemente as transmissões on-line do *Insurgent radio show*.¹²

Atravessando todos os materiais está a linguagem coloquial, objetiva e, não raro, escrachada do enunciador, que faz uso constante de ironias, gírias e palavrões. O tom rebelde desse modo particular de transmitir a mensagem visa chamar a atenção, chocar e atrair um público específico: jovens brancos da classe trabalhadora. No site existem entradas para piadas, arte gráfica, adesivos e papéis de parede que podem ser baixados ou comprados. Neles, vemos como a violência é passada de modo irreverente, fazendo uso aberto de um humor politicamente incorreto. A entrada relativa às piadas, por exemplo, é organizada por categorias, utilizando muitas vezes chamativos depreciativos como crioulo, spics (hispânicos), gooks (asiáticos), árabes, gays, indianos e judeus. O adesivo em amarelo diz: “EUA: temporada de caça a imigrantes ilegais 2001-2050. Sem limite de sacos, etiqueta obrigatória”.



13

Vejamos como ironia se afina com a crítica em uma das cenas do programa de televisão.

Te digo uma coisa. Se você quer saber o que o inferno é, espere até os brancos sumirem! (...) Tudo o que você conhece na civilização ocidental foi inventado por brancos. E você quer se livrar deles? Como você vai ficar quando os brancos se forem? Você vai estar em um barco furado sem remos, baby! (...) E você branco fica aí sentado! Aí você vai a Washington e diz: “Ah, estamos insatisfeitos com a saúde, ah. Ah, senhor Obama, o senhor faria algo por nós? Mas nós nunca reagiríamos com violência! Não, ah não. Ir a Washington com uma arma 3060? Ah, ah, nós não queremos esse tipo de gente! Não queremos ninguém que possa querer lutar por sua raça, ou por sua liberdade de expressão.”¹⁴

¹² MICHAEL, George. *Theology of Hate: a history of the World Church of the Creator*. Gainesville:Univ. of Florida Press, 2009.p.92.

¹³ White Aryan Resistance. Free stickers. <http://www.resist.com/stickers.html>. Página acessada em 15 de janeiro de 2012.

¹⁴ White Aryan Resistance. *Race and Reason*. 2009. part 1, 2.<http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012.

Aqui temos um alerta, seguido de um claro desdém pelas formas institucionalizadas de protesto e implementação de reformas na democracia liberal. O discurso está ainda impregnado de ironias, pois o apresentador modifica sua voz e expressão corporal após o alerta. Metzger passa a imitar o falar de um homem inseguro, gaguejando, pausando o falar, com olhar baixo e voz chorosa. A insegurança da fala é complementada por pequenos movimentos com as mãos, amassando e rasgando o jornal, o que contribui para a construção do sentimento ansiedade, nervosismo, vergonha e intimidação do personagem caracterizado. Sua proposta para esse homem inseguro é uma saída de força. Ele deve exigir mudança por meio das armas. A posição autoritária fica explícita ao prezar por uma solução violenta e que evita o diálogo.

O investimento em projetos voltados para recrutar e engajar a juventude é hoje um dos campos mais arrojados no conjunto das estratégias de mobilização de pessoal empreendidas por organizações fascistas, além de ter se tornado um negócio lucrativo. No documentário *Louis and the Nazis*, produzido pela BBC, vemos uma variação da brincadeira popular conhecida como “amarelinha”, na qual as crianças pulam e cantam ao redor de uma suástica desenhada no chão. Crianças que cantem ou toquem instrumentos são incentivadas a comporem canções próprias, voltadas para temáticas relativas à superioridade da raça e da cultura “branca” e a se apresentarem no Aryan Fest.

Nas revistas em quadrinhos produzidas pela National Alliance, observam-se críticas às políticas inclusivas e de bem-estar, ao multiculturalismo e à tolerância cultural e étnica. A história abordada no primeiro número enfoca principalmente o negro e as políticas integracionistas oficiais. Tudo apresentando numa linguagem bem atual, bem jovem. A parte gráfica traz um design relativamente moderno, com boxes assimétricos e com movimento, além de caixas de diálogo com formatos variados. As últimas páginas trazem uma mensagem de “esperança”, já que um novo amanhã estaria chegando, e termina com um chamado à militância e à luta, convocando os jovens a se tornarem membros da National Alliance.¹⁵ A violência é abordada de forma não muito explícita, expressando-se mais pelo discurso ou banalizada como intriga corriqueira entre alunos.

Na página eletrônica da WAR estão disponíveis uma série de jogos de computador que podem ser baixados ou jogados em rede. Os jogos são simples, nada comparado à complexidade dos jogos desenvolvidos pela National Alliance, contudo mais variados e abordando questões atuais como, imigração ilegal, criminalidade e corrupção, homens-bomba, homossexualismo etc. Os jogos são marcados pela violência explícita, mas também pela irreverência e pelo sarcasmo, traços característicos da WAR. Bin-laden, Saddam Hussein e o ator Eddie Murphy foram transformados em personagens dos jogos “Bin-Laden Liquors” e “African Detroit cop”. Outros jogos são “Shoot the Blacks”, “Nazi Wolf 3D”, “White Power Doom Patch”, “Rattenjagt: kill jewish rats”, “Ghetto Baster”, entre outros.¹⁶

Em “Border Patrol”, o jogador é levado à fronteira dos EUA com o México. Na margem norte-americana do rio Grande estão duas placas dizendo “Bem-vindo aos EUA” e “Welfare Office”. Iniciado o jogo, mexicanos, caracterizados como “nacionalistas”, “traficantes de drogas” e “reprodutores” começam a atravessar a fronteira. O objetivo do jogo é “mantê-los longe...a qualquer custo”. Ao final de um tempo determinado, seus pontos são computados conforme a quantidade de latinos mortos. A mesma lógica é usada em “Kaboom: the suicide bombing game”, no qual um homem árabe anda por uma cidade, presumidamente ocidental, dado o vestuário dos demais transeuntes, e, ao sinal do jogador, o homem árabe explode a si mesmo. Os pontos são computados conforme o número de homens, mulheres e crianças mortos e feridos.

Em “Ethnic Cleansing”, o objetivo do herói virtual é matar negros, latinos e judeus, acumulando 10 pontos a cada latino eliminado e 15 a cada negro e judeu. A primeira fase passa-se em um gueto, no qual encontram-se negros e latinos. Na fase seguinte, o jogador é levado para uma estação de metrô, onde estão os judeus. O clímax do jogo está em conseguir matar Ariel Sharon, ex-primeiro ministro de Israel, que se encontra no jewish control center arquitetando planos para

¹⁵ New World Order Comix n.1p.4 e 37.

¹⁶ Página eletrônica da White Aryan Resistance. www.resist.org.

dominar o mundo. A violência explícita é premiada ao longo do jogo com sistema de pontos e justificada com o argumento da sanitização, impresso no título “limpeza étnica”.

Assim, é brincando que se molda um pequeno fascista, construindo desde sua mais tenra idade uma visão de mundo na qual o diferente não é digno de viver, precisa ser destruído. Nos jogos a única possibilidade de ação é matar, eliminar o diferente. Cenários são alterados, armamentos podem ser escolhidos, o perfil do personagem principal pode variar, mas há apenas um modo para se lidar com o outro, matando-o. Não existe a possibilidade de aprisionamento, comércio ou subordinação. Em contraste com uma proposta segregacionista, nota-se que não se quer dominar, rebaixar ou explorar o inimigo, este tem de ser eliminado, pois não há espaço para diferenças nessa microrrealidade. A partir de jogos, brincadeiras populares e canções, as raízes da hegemonia ganham profundidade e também uma nova dimensão, uma vez que politicamente direcionadas.

Após percorrer brevemente a história do fascismo nos EUA, seu caráter peculiar em relação ao liberalismo e ao segregacionismo, as novas formas de fazer política e construir consenso, vemos como tais grupos fomentam conflitos na sociedade, principalmente na esfera da sociedade civil. Preconceitos vários, todos socialmente construídos, são alimentados ao extremo, naturalizando a violência. Crises, depressões e as limitações da democracia liberal em prover bem-estar e estabilidade mínimos são outros componentes, que levam multidões de desesperados a projetar seus medos em teorias conspiratórias e “bodes expiatórios”, concebendo soluções autoritárias como alternativas desejáveis.

O apelo e a popularidade de saídas autoritárias são sintomáticos da falência da democracia capitalista.¹⁷ A sedução provocada pelo fascismo utiliza-se de condições sociais, políticas e econômicas desfavoráveis; envolve e fascina por apresentar, ao menos na retórica, soluções rápidas, seguras e definitivas para um cenário de descrença e instabilidade.

Estudos sobre a base sócio-econômica dos integrantes de partidos e organizações fascistas e outros grupos de ódio na Europa demonstram a íntima ligação entre o aumento do desemprego e o apoio a partidos e grupos extremistas.¹⁸ Nos EUA, o quadro é similar. Lá também são os desempregados, subcontratados, jovens bem instruídos, mas desesperançados com a falta de perspectiva no mercado de trabalho, ou seja, parcela da classe trabalhadora “branca” que vem experimentando queda na qualidade vida, que buscam suporte e algum senso de existência em organizações fascistas e demais grupos de ódio como milícias e organizações segregacionistas.

¹⁷ Diversas correntes teóricas apontam, por caminhos distintos, a falência da democracia, ainda que associada a outros elementos, como chave explicativa para se entender a emergência do fascismo.

Autores marxistas associam a falência ou fraqueza da democracia liberal ao acirramento dos conflitos de classe e a incapacidade do sistema de assimilar divergências profundas. BAUER, Otto. O fascismo. In: FALCON, Francisco et.al.(org). Fascismo. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. POULANTZAS, Nicos. Fascism and Dictatorship. NLB: London, 1974. KONDER, Leandro. Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Autores de orientação liberal apontam para o abalo do liberalismo democrático, de tal modo que seus métodos não se mostram mais eficazes para a resolução dos conflitos de interesses dos grupos dirigentes. O fascismo refletiria a irrupção das massas no cenário político, conduzidas por um líder forte. MANHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Bologna, 1957. BRACHER, Karl Dietrich. The Role of Hitler: perspectives and interpretations. In: LAQUEUR, Walter. Fascism: a reader's guide. Middlesex: Pelican Books, 1979.

Há ainda estudos de influência weberiana, adaptações modernas do arquétipo da dominação carismática. Filha da crise, a dominação carismática é o resultado de situações extraordinárias internas (psíquicas, religiosas) e/ou externas (econômicas, políticas). No caso Alemanha, os fatores culturais e psicológicos que importam para o predomínio de formas carismáticas de tipo fascista seriam: o colapso relativamente recente da monarquia; resquícios por parte de alguns setores sociais de aspiração à autoridade suprema/heróica; o impacto traumático da guerra e do tratado de Versalhes; valores militaristas e chauvinistas. Soma-se a isso a profunda crise econômico-social do entre guerras. Da incapacidade da República de Weimar, uma organização estatal pautada na dominação impessoal, racional e legal em lidar com essa crise global surge a brecha necessária para a aceitação de um novo sistema de governo, agora baseado no exercício do poder pessoal. KERSHAW, Ian. Hitler: um perfil do poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

¹⁸ JACKMAN, Robert; VOLPET, Karin. Conditions favouring parties of the extreme-right in Western Europe. In: British journal of Political Science. 26.n.4, 1996.p. 501-521. MITRA, Subrata. The national Front in France: a single issue movement? In: BEYNE, Klaus von (ed). Right-wing extremism in Western Europe. London: Frank Cass, 1988. VOERMAN, Gerrit; LUJCARDIE, Paul. The extreme- right in Netherlands. In: European Journal of Political Research. 22.n.1, 1992.p.34-54. PFAHL-TRAUGHER, Armin. Die Entwicklung des Rechtsextremismus in Ost und Westdeutschland. In: Aus Politik und Zeitgeschichte.n.39, 2000.p.3-14.

É o sentimento de impotência ante a transformação de suas realidades particulares que torna os indivíduos propícios a serem seduzidos por propostas simplistas, aparentemente milagrosas. “Inseguranças econômicas exploram divisões raciais e étnicas e tornam difícil, senão impossível, superar divisões e diferenças históricas. Oferecem campo fértil para estereotipar e culpabilizar “bodes espiatórios”.”¹⁹

A dimensão “bad” da sociedade civil vem crescendo em nossos tempos e mais do que um problema relativo ao preconceito culturalmente adquiridos, educação e informação insuficientes, falta de representatividade e envolvimento cívico, a “bad civil society” é também um problema de justiça social.

Uma solução efetiva para o problema há de levar em conta todos esses aspectos. Grupos fascistas hoje se organizam primordialmente na sociedade civil, mas seu crescimento revela um problema de ordem social mais geral. O caminho para uma sociedade menos intolerante e autoritária está justamente em olhar para além do âmbito da sociedade civil, incentivando não somente a construção de organizações privadas afinadas com o multiculturalismo e com a democracia, mas lutando igualmente pela implementação de políticas públicas inclusivas e uma organização do trabalho menos desigual.

BIBLIOGRAFIA:

- ANDERSON, P. Afinidades Seletivas. São Paulo: Boitempo, 2002.
- BERLET, Chip & LYONS, Mathew. Right-wing populism in America: too close for comfort. New York: Guilford Press, 2000.
- BIANCHI, Alvaro. O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.
- CHAMBERS, Simone; KOPSTEIN, Jeffrey. Bad civil society. Political Theory.vol.29.N.6. December, 2001.
- COHEN, Joshua; ROGERS, Joel. Associations and democracy. New York: Verso, 1995.
- COHEN, Jean; ARATO, Andrew. Civil society and political theory. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre: L&PM,1981.
- DIAS, Edmundo Fernandes et alli. O Outro Gramsci. São Paulo: Xamã, 1996.
- DOBRAZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. The White separatist movement in the United States: white power, white pride! Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.
- MICHAEL, George. Theology of Hate: a history of the World Church of the Creator. Gainesville:Univ. of Florida Press, 2009.
- TOCQUEVILLE, Alexis. Democracy and the terrain of association. New Jersey: Princeton Univ. Press, 2000. WALTZER, Michael. The civil society argument. In: MOUFFE, Chantal. Dimensions of radical democracy. London: Verso, 1992.
- VIANNA, Luiz Werneck. Fábrica e sistema político: anotações teóricas para uma investigação empírica. DADOS. Vol.24. N.2,1981.

FONTES:

- White Aryan Resistance. Free stickers. <http://www.resist.com/stickers.html>. Página acessada em 15 de janeiro de 2012.
- White Aryan Resistance. Race and Reason. 2009. part 1, 2.<http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012.
- New World Order Comix n.1p.4 e 37.

¹⁹ CHAMBERS, S.; KOPSTEIN, J. op.cit. p.850. “Economic insecurities exploit racial and ethnic divisions. They make it difficult if not impossible to overcome historic divisions and differences. They offer fertile ground for stereotypes and scapegoats to blame.”

Páginas eletrônicas: White Aryan Resistance <http://www.resist.com/>. National Alliance <http://www.natall.com/>. Aryan Nations <http://www.aryan-nation.org/>.